

Estudantes de Medicina da UFJF e doação de órgãos para transplante

José Antonio Chehuen Neto*
Mauro Toledo Sirimarco*
Aureo Augusto de Almeida Delgado**
Camila Munayer Lara**
William Guidini Lima**

RESUMO

O transplante de órgãos é um tema polêmico e que desperta interesse e discussões. Estudantes de medicina devem conhecer a necessidade e a importância da doação de órgãos e tecidos, além de serem responsáveis pelo cuidado e orientação da população sobre medidas relacionadas à saúde. Realizamos estudo transversal com 364 estudantes de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, 57,1% auto-referiram ter conhecimento insatisfatório sobre o tema, 94,2% já obtiveram informações sobre transplantes, em sua maioria, fornecidas fora do contexto da faculdade e através de veículos de comunicação de massa e 85,4% são doadores de órgãos e tecidos e, destes, 58,5% já manifestaram sua decisão a terceiros. Observamos correlação estatisticamente significativa entre ser do sexo feminino e declarar-se doador de órgãos e tecidos. As principais razões para a não doação foram: ausência de vontade, medo e receio de comercialização dos órgãos. Os acadêmicos de medicina da UFJF reconheceram a importância do tema e demonstraram interesse e atitude positiva. Foi identificada necessidade de intervenções no currículo médico visando uma abordagem direta e organizada desse assunto.

Palavras-chave: Estudantes de Medicina. Transplante de órgãos. Conhecimento. Atitude. Ética.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o termo “órgão humano” refere-se a órgãos e tecidos, excluindo-se tecidos reprodutivos, sangue ou seus constituintes.

Atualmente há possibilidade de transplantes de diversos órgãos e tecidos humanos como fígado, coração, pulmão, rins, córneas, pâncreas, ossos, pele, veias, tendões e medula óssea, todos regulamentados pela OMS. Segundo o Ministério da Saúde (2010), o Brasil possui hoje um dos maiores programas públicos de transplantes de órgãos e tecidos do mundo, sendo que no primeiro semestre de 2009 foram realizados cerca de 8192 procedimentos. A política Nacional de Transplantes de órgãos e tecidos está fundamentada nas leis nº 9.434/1997 e nº 10.211/2001, tendo como diretrizes a gratuidade da doação, a beneficência em relação aos receptores e a não maleficência em relação aos doadores vivos. Nos últimos anos, tanto no Brasil como no restante do mundo (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2009; DUARTE et al., 2002; RUMSEY; HURFORD; COLE, 2003),

observou-se que a divulgação de informações e o número de doações de órgãos apresentaram um aumento significativo. No entanto não houve aumento concomitante do número de transplantes e da oferta ou disponibilidade de órgãos, como sugere a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos através de dados que mostram que metade das famílias de potenciais doadores recusa a doação de órgãos (RUMSEY; HURFORD; COLE, 2003; SHEEHY et al., 2003).

O transplante de órgãos ainda é um tema polêmico e que desperta interesse e discussões no cenário internacional (CHUNG et al., 2008; MORAES; GALLANI; MENEGHING, 2006; SALEEM et al., 2009; SHEEHY et al., 2003). A falta de acesso à informação, a escassez de programas permanentes de conscientização voltados para a população, à veiculação de notícias pela mídia a respeito de tráfico de órgãos, o baixo incentivo para a doação de órgãos e a presença de conflitos de crenças e de valores contribuem para o surgimento de dúvidas, mitos e preconceitos a respeito deste tema (MORAES; GALLANI; MENEGHING, 2006). Tais entraves estão presentes entre estudantes

* Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Medicina. Departamento de Clínica Cirúrgica – Juiz de Fora, MG. E-mail: chehuen.neto@yahoo.com.br

** Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Medicina – Juiz de Fora, MG.

da área de Ciências da Saúde (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004; GALVÃO et al., 2007; SALEEM et al., 2009), o que pode prejudicar o esclarecimento sobre o processo de doação de órgãos aos futuros pacientes, além de afetar o número de potenciais doadores entre os acadêmicos.

Estudantes de medicina devem conhecer a necessidade e a importância da doação de órgãos e tecidos, além de serem responsáveis pelo cuidado e pela orientação da população sobre medidas relacionadas às condutas de saúde. Ao estabelecer o nível de informação do processo de doação de órgãos e tecidos entre os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e determinando os fatores que interferem na tomada de decisão e opinião com relação a essa prática, podem-se identificar oportunidades de melhoria e aprimorar o número de doadores.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Realizamos um estudo observacional transversal, em que fator e desfecho são medidos concomitantemente e que estima a prevalência da variável de desfecho (no caso, conhecimento acerca da temática “doação de órgãos”). Trata-se de uma pesquisa quanto à área da ciência do tipo aplicada, de natureza original, de objetivo exploratório, procedimento de campo e de abordagem quantitativa.

O instrumento de coleta dos dados foi um questionário auto-aplicável, composto de nove perguntas de múltipla escolha, direcionadas a avaliação do conhecimento dos sujeitos sobre o tema da pesquisa. O questionário utilizado foi adaptado de estudo prévio de Galvão e outros (2007), que avaliou estudantes de medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo sob aspectos semelhantes.

A amostra foi composta por acadêmicos de cinco turmas do curso médico da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), selecionadas aleatoriamente contemplando todo o curso, totalizando 364 estudantes dos 2º, 4º, 5º, 7º e 9º períodos, constituindo assim, aproximadamente 40,4% dos estudantes de medicina da UFJF, (população= 960 estudantes). Este espectro de amostra populacional atende rigorosamente aos critérios e a necessidade estatística, sendo considerado erro amostral de 4,5% (para mais ou para menos) (LWANGA; LEMESHOW, 1991).

Os participantes foram abordados de forma padronizada por pesquisador treinado e concordaram com o preenchimento individual e voluntário do questionário, através de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em duas vias. Foram três os estudantes de medicina responsáveis pela coleta de dados, participantes da Disciplina de Metodologia Científica. O treinamento para a referida

coleta se deu através da realização de um estudo piloto com 16 indivíduos, a fim de testar o instrumento, identificar problemas na compreensão das perguntas, fazer alterações no questionário e contribuir para a organização do trabalho de campo.

Os critérios de inclusão na pesquisa foram: ser acadêmico do curso de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e pertencer a um dos períodos selecionados. Os critérios de exclusão na pesquisa foram: não devolução dos questionários e do TCLE assinado; não ser acadêmico do curso de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e não pertencer a um dos períodos selecionados.

A pesquisa foi desenvolvida no período de julho e agosto/2010.

Tratando-se de um estudo seccional, a medida de ocorrência obtida foi a prevalência, então empregamos como medida de associação o Odds Ratio de prevalência (OR de prevalência ou RCP= razão de chances prevalentes). Esta foi utilizada como medida de significância estatística, além do teste qui-quadrado sem correção.

Realizaram-se análises de diferenças quanto às seguintes variáveis:

- Sexo e intenção de doar os órgãos após a morte.
- Período da faculdade e intenção de doar os órgãos após a morte.
- Sexo e atitude de comunicar para terceiros sua intenção de doar ou não os órgãos após a morte.
- Período da faculdade e atitude de comunicar para terceiros sua intenção de doar ou não os órgãos após a morte.
- Sexo e disposição de doar os órgãos em um transplante intervivos.
- Período da faculdade e disposição de doar os órgãos em um transplante inter-vivos.

Utilizamos o programa SPSS ® para a montagem do banco de dados e para a análise estatística, levantando-se possíveis justificativas para os dados levantados. A análise dos resultados obtidos respeitou as seguintes normas pré-estabelecidas: IC=95%; $p < 0.05$.

A participação na pesquisa envolveu risco mínimo ao participante, ou seja, não houve interferência do pesquisador em nenhum aspecto do bem-estar físico, psicológico e social bem como da intimidade, conforme os parâmetros contidos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Acredita-se que se cumpriu o que estabelece a referida resolução no momento em que se solicitou, junto à direção da Faculdade de Medicina da UFJF, autorização para realização do estudo e, dos sujeitos,

consentimento para participar da pesquisa, prestando-lhes esclarecimentos sobre o objetivo do estudo, o seu direito de abandoná-lo e sobre o anonimato.

O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFJF aprovou o protocolo da pesquisa, número 2012.070.2010, através do parecer nº 083/2010 de 15 de julho de 2010.

3 RESULTADOS

Foram entrevistados 364 estudantes de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, dentre os quais 53,3% (n=194) eram mulheres e 46,7% (n=170) homens. A idade variou entre 18 e 33 anos sendo que a média foi de 22 anos (desvio padrão=2,14). A distribuição por período deu-se da seguinte forma: 72 (19,8%) do 2º período, 78 (21,4%) do 4º período, 78 (21,4%) do 5º período, 67 (18,4%) do 7º período e 69 (19%) do 9º período.

O conhecimento, auto-referido pelos alunos entrevistados (n=364), a respeito do assunto foi considerado ótimo por 21 estudantes (5,8%), bom por 135 (37,1%), regular por 160 (44%), ruim por 42 (11,5%) e péssimo por seis (1,6%).

Observamos que 21 (5,8%) alunos não obtiveram nenhum tipo de informação sobre “transplante de órgãos” e 343 (94,2%) já tiveram esse contato alguma vez. Sendo que, neste último grupo, as informações foram obtidas através de: televisão (61,2%); jornais, revistas e panfletos (59,5%); internet (45,5%); amigos e/ou familiares (25,6%); médicos (49,3%); outros (congresso, livros, aulas na faculdade, conversa com pacientes transplantados) (24%).

Ao questionarmos os alunos acerca de seu interesse sobre o assunto “transplante de órgãos”, solicitamos que o mesmo fosse graduado numa escala de 0 (mínimo interesse) a 10 (máximo interesse). Obtivemos uma média de 7,89 (desvio padrão de 1,83) na totalidade da amostra. O cálculo da média, obtida por períodos, encontra-se sumarizado na Tabela 1.

TABELA 1

Índice médio de interesse sobre o assunto “transplante de órgãos” (em uma graduação de zero a dez) dos alunos de medicina da UFJF

	Média de interesse (0-10)	Desvio-padrão
2º Período	7,68	2,15
4º Período	8,27	1,84
5º Período	7,76	1,73
7º Período	7,83	1,71
9º Período	7,90	1,65

Fonte – Os autores (2011).

Trezentos e treze (86%) estudantes declararam que o tema “transplantes” deve fazer parte do ensino da graduação médica; 39 (10,7%) referiram que a temática deveria ser abordada na pós-graduação; 6 (1,6%) acreditam que o assunto deve ser ministrado em ambos (graduação e pós-graduação). 6 (1,6%) não responderam a essa pergunta.

Trezentos e onze (85,4%) estudantes manifestaram intenção de doar seus órgãos após a morte enquanto 48 (13,2%) declararam o contrário. Nesses últimos, foram abordadas as razões para se posicionarem como não doadores de órgãos e os resultados obtidos encontram-se sumarizados na Tabela 2. Cinco (1,4%) alunos não responderam a esta pergunta. Diferença estatisticamente significativa foi observada na comparação entre sexo e intenção de doar os órgãos após a morte (para o sexo feminino: OR 2,089 ; IC 95% 1,11-3,90 ; p=0,019 pelo teste do Qui-quadrado sem correção), ou seja, as mulheres evidenciaram maior propensão à doação do que os homens. Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa quando comparado o período em que os alunos cursam na faculdade e a intenção de doar seus órgãos após a morte (p=0,524).

TABELA 2

Razões para não doação de órgãos após a morte entre os estudantes de medicina da UFJF não doadores de órgãos

	Frequência absoluta	Frequência (%)
Simplemente não quero	17	35,4
Medo	7	14,6
Receio da comercialização dos órgãos	5	10,4
Desinformação	2	4,2
Outros motivos*	17	35,4
TOTAL	48	100%

*Outros motivos: motivos religiosos, receio de mutilação do corpo, etc.

Fonte – Os autores (2011)

Quando questionados se já havia comunicado a alguém sobre sua intenção ou não de doar seus órgãos após a morte obtivemos o seguinte: 146 (40,1%) estudantes não haviam avisado ninguém de seu posicionamento e 213 (58,5%) já haviam expressado sua vontade a terceiros. Cinco (1,4%) alunos não responderam esta pergunta. Dentre os que comunicaram sua intenção, foi abordado para quem a comunicação tinha sido realizada e os resultados obtidos encontram-se sumarizados na Tabela 3. Nesta

questão foi facultado aos alunos marcar mais de uma alternativa.

TABELA 3

Manifestação a terceiros de intenção ou não de doação de órgãos após a morte entre os estudantes de medicina da UFJF

	Frequência absoluta	Frequência (%)
Pais	200	93,9
Irmãos	97	45,5
Amigos	65	30,5
Marido/Esposa/ Companheiro(a)	22	10,3
Filhos	2	0,9

*Nesta questão foi facultado aos alunos que já haviam manifestado sua decisão (n= 213 = 58,5%) marcar mais de uma alternativa.

Fonte — Os autores (2011)

Diferença estatisticamente significativa foi observada na comparação entre sexo e atitude de comunicar sua intenção de doar ou não os órgãos após a morte, evidenciando que as mulheres comunicam menos seu posicionamento sobre este aspecto do que os homens (OR de prevalência 1,94; IC 95% 1,24-3,04; $p=0,002$ pelo teste do Qui-quadrado sem correção).

Quando comparado o período em que os alunos cursam na faculdade e a atitude de comunicar sua intenção de doar ou não os órgãos após a morte, não foi encontrada significância estatística ($p=0,221$).

Dezesseis (4,3%) alunos declararam não estarem dispostos a doarem seus órgãos enquanto vivos. Já 343 (94,2%) afirmaram que participariam de um transplante intervivos e, ao serem questionados quem seriam os indivíduos beneficiados com o transplante, observamos os dados ilustrados na Tabela 4. Cinco (1,5%) alunos não responderam esta questão. Diferença estatisticamente significativa foi observada na comparação entre sexo e disposição de doar os órgãos num transplante intervivos, evidenciando que as mulheres dispuseram-se mais que os homens neste aspecto (OR de prevalência 18,62; IC 95% 2,43-142,60 ; $p=0,0001$ pelo teste do Qui-quadrado sem correção), ou seja, as mulheres encontram-se mais motivadas para participação nesta modalidade de transplante.

TABELA 4

Indivíduos beneficiados com um transplante intervivos com órgãos doados por estudantes de medicina da UFJF

	Frequência absoluta	Frequência (%)
Pais	331	96,5
Irmãos	309	90,0
Filhos	279	81,3
Marido/esposa/ companheiro	237	69,0
Outros parentes	157	45,7
Amigos	151	44,0

*Nesta questão foi facultado aos alunos que participariam de um transplante intervivos (n= 343 = 94,2%) marcar mais de uma alternativa.

Fonte — Os autores (2011).

Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa quando comparado o período em que os alunos cursam na faculdade e a disposição de doar os órgãos em um transplante intervivos ($p=0,114$).

Questionamos também as razões para não doação, entre aqueles que declararam que não participariam de um transplante intervivos (n=16 = 4,3%), e os resultados encontram-se na Tabela 5.

TABELA 5

Principais motivos que justificam a não participação dos estudantes de medicina da UFJF em um transplante intervivos

	Frequência absoluta	Frequência (%)
Desinformação	4	25,0
Simplemente não quero	4	25,0
Receio de mutilação do corpo	2	12,5
Receio da comercialização dos órgãos	2	12,5
Medo	2	12,5
Outros motivos	4	25,0

*Nesta questão foi facultado aos alunos que não participariam de um transplante intervivos (n= 16 = 4,3%) marcar mais de uma alternativa.

Fonte — Os autores (2011).

Com relação ao critério de autorização para doação de órgãos adotado no Brasil, 310 (85,1%) alunos afirmaram que o consentimento de familiares ou pessoas próximas é necessário para o transplante; 14 (3,8%) afirmaram que todos são potenciais doadores, a menos que neguem em documento (doação

presumida); e 35 (9,6%) não souberam responder a essa pergunta. Cinco (1,5%) alunos não responderam a esta pergunta.

4 DISCUSSÃO

Nosso projeto levou em conta o baixo custo, o alto potencial descritivo e a simplicidade analítica aliados à aplicabilidade em populações especiais, tendo como vantagem a boa taxa de resposta obtida entre os sujeitos da pesquisa. A coleta de dados foi realizada de maneira rápida e com baixos custos, por meio de questionário auto-aplicável. Como limitações, citamos a restrição do estudo aos estudantes da medicina da UFJF e a utilização de um questionário fechado (múltipla escolha), limitando o aprofundamento na investigação em alguns aspectos. Porém sem qualquer perda metodológica, em virtude do objetivo exploratório da pesquisa, permitindo avanços no tema por outros pesquisadores.

Os recentes avanços científicos com relação ao transplante de órgãos propiciam polêmica, interesse e discussões. Nos últimos cinco anos houve um aumento do número de transplantes realizados no Brasil (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2009). No entanto, o índice de captação de órgãos (cerca de seis doadores por milhão de habitantes por ano) ainda é inferior ao de países mais desenvolvidos (próximo de 22 doadores por milhão de habitantes por ano) (ABBUD-FILHO et al., 1997; ABBUD-FILHO et al., 2004; MATESANZ, 2003).

A falta de acesso à informação, a escassez de programas permanentes de conscientização voltados para a população, a veiculação de notícias pela mídia a respeito de tráfico de órgãos, o baixo incentivo para a doação de órgãos e a presença de conflitos de crenças e de valores contribuem para o surgimento de dúvidas, mitos e preconceitos a respeito deste tema (MORAES, GALLANI; MENEGHING, 2006). Tais entraves estão presentes mesmo entre estudantes da área da saúde (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004; GALVÃO et al., 2007; SALEEM et al., 2009), e poderão ser motivo de posterior investigação em nosso meio. Estes obstáculos prejudicam o esclarecimento deste tema à população, além de afetarem o número de futuros profissionais de saúde potencialmente doadores (ex-estudantes de medicina), que devem atentar-se para o importante papel que desempenham na divulgação das informações científicas sobre o tema. Os médicos têm acesso a grande parte da população e, através da sua credibilidade, geram grande impacto nas atitudes em relação à doação de órgãos (TRAIBER; LOPES, 2006).

Estudo realizado com estudantes de medicina demonstrou que grande parte (75%) destes declararam que o seu conhecimento acerca deste tema era regular, ruim ou péssimo (GALVÃO et al., 2007). Em nosso estudo encontramos 57,1%, níveis de conhecimento considerados insatisfatórios (GALVÃO et al., 2007). Um aspecto interessante abordado refere-se à orientação sobre transplante de órgãos recebida durante o curso médico. Com resultados semelhantes a de outros autores (ABBUD-FILHO et al., 1997; AMARAL et al., 2002; CHUNG et al., 2008; COELHO et al., 1994; MATESANZ, 2003), evidenciamos que foi compartimentalizada e fragmentada em algumas disciplinas, o que pode dificultar a aquisição do conhecimento de uma forma consistente de forma aplicável ao cotidiano do profissional.

Galvão e outros (2007) observaram uma tendência ascendente de aquisição de informações no decorrer da graduação. No entanto, em concordância com o nosso trabalho, Burra e outros (2005) evidenciaram que ao longo do curso não houve diferença quanto à aquisição de conhecimentos sobre transplante e doação de órgãos. O nível significativo de desinformação evidenciado pode ser devido à abordagem insuficiente sobre transplante e doação de órgãos durante a graduação médica. No entanto, ressaltamos aqui o grande interesse manifestado pelos discentes de nossa amostra em obter informações sobre o tema (Tabela 1). Neste contexto, seria importante que as instituições de ensino superior preparassem o aluno de forma sistematizada e direcionada para a prática (ABBUD-FILHO et al., 1997; ABBUD-FILHO et al., 2004; AMARAL et al., 2002; BURRA et al., 2005; CHUNG et al., 2008; COELHO et al., 1994; GALVÃO et al., 2007; MATESANZ, 2003; MEIER et al., 2000).

Durante a graduação os egressos devem compreender aspectos teóricos e práticos do tema inerentes à assistência médica, principalmente acerca da triagem dos candidatos a esta modalidade terapêutica, constituindo elementos para uma atuação profissional coerente (GALVÃO et al., 2007). O ensino desta temática deve ser, antes de tudo, um compromisso ético, tanto das instituições de ensino superior quanto dos educadores, principalmente daqueles envolvidos na assistência dos candidatos ao procedimento e dos transplantados (AMARAL et al., 2002; BURRA et al., 2005; MATESANZ, 2003; MEIER et al., 2000). Deve ser viabilizado o contato do estudante com as normas e a legislação pertinentes ao tema no Brasil (GALVÃO et al., 2007). Quanto mais precoce for esse contato, maior é a chance do

futuro profissional se conscientizar e assimilar as práticas preconizadas (GALVÃO et al., 2007).

Como outros pesquisadores (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004; CHUNG et al., 2008; DUTRA et al., 2004; GALVÃO et al., 2007; TRAIBER; LOPES, 2006; WILLIAMS et al., 2003), observamos que o desejo de doar os próprios órgãos post mortem é comum entre estudantes. Em nossa amostra houve predominância estatisticamente significativa ($p < 0,05$), por parte do sexo feminino, na intenção de doar. As razões apresentadas por aqueles que não demonstram esta intenção também apresentaram um padrão comum com outros estudos (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004; CHUNG et al., 2008; DUTRA et al., 2004; GALVÃO et al., 2007; TRAIBER; LOPES, 2006; WILLIAMS et al., 2003). A doação encontra obstáculos de diversas naturezas, tais como os de ordem social, religiosa, psicológica e cultural (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004; CHUNG et al., 2008; DUTRA et al., 2004; GALVÃO et al., 2007; TRAIBER; LOPES, 2006; WILLIAMS et al., 2003) (Tabela 2).

A Lei que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante é a de nº 10.211, de 23 de março de 2001, que substituiu a doação presumida pelo consentimento informado do desejo de doar (BRASIL, 2001). Dessa forma, a retirada de órgãos/tecidos de pessoas falecidas para a realização de transplante depende da autorização da família. Observamos grande parte de nossa amostra (85,1%) declarou conhecimento acerca dessa mudança nos critérios para a autorização da captação e doação de órgãos. É interessante que um doador comunique à sua família seu desejo, para que a mesma ratifique a doação no momento oportuno.

A discussão sobre o tema com os familiares foi apontada por vários autores como um fator facilitador no processo de doação (BURROUGHS; HONG; KAPPEL, 1998; HAUSTEIN; SELLERS, 2004; JONG; FRANZ; WOLFE, 1998; LI; LIN; LAM, 2001; KEIDING; JENSEN; VILSTRUP, 1994; MARTINEZ; MARTIN; LOPEZ, 1995; PEARSON; BAZELEY; SPENCER-PLANE, 1995; TRAIBER; LOPES, 2006). O fato de a família acreditar que o paciente desejava ser doador foi fortemente associado ao consentimento para a doação, mesmo quando não houve uma discussão prévia (SMIRNOFF; GORDON; HEWLETT, 2001). Na Pontífice Universidade Católica de São Paulo, 27% dos estudantes de medicina nunca haviam discutido doação de órgãos com seus familiares (AFONSO; BUTTROS; SAKABE, 2004), número que poderia ser minimizado se houvesse maiores esclarecimentos entre os envolvidos. Em nossa amostra 40,1% dos alunos

declararam nunca terem informado aos familiares seu posicionamento em relação ao tema, apesar da maioria (85,1%) dos estudantes reconhecerem que a obtenção do consentimento dos familiares é fundamental para que se iniciem as providências no sentido da captação e doação de órgãos após a morte. Foi encontrado em nosso estudo que as mulheres informam os familiares mais do que os homens ($p < 0,05$).

Há uma tendência entre os estudantes de medicina, observada em nossa pesquisa e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (GALVÃO et al., 2007), de aceitarem se submeter a um transplante intervivos, principalmente em se tratando de estudantes doadoras do sexo feminino ($p < 0,05$) e em benefício de parentes de primeiro grau (Tabela 4).

Com base na literatura pesquisada e como estímulo à reflexão e contribuição ao tema, avaliamos que o aumento sustentável do número de doadores demanda uma série de intervenções, incluindo um processo de amadurecimento da sociedade. Assim, ressaltamos a responsabilidade da escola médica – difusora do conhecimento e responsável pela formação profissional – e do estudante de medicina – futuro responsável pela assistência à saúde/orientação da população – neste cenário.

5 CONCLUSÃO

Os acadêmicos de medicina da UFJF reconhecem a importância do tema “doação e transplante de órgãos” na prática médica e demonstraram interesse e atitude positiva com relação a este assunto.

A falta de conhecimento geral sobre este processo e as suas implicações, como por exemplo, um menor número de doadores, apontam para a necessidade de intervenções no currículo médico visando uma abordagem direta e organizada sobre o tema.

A necessidade de desmistificar preconceitos, suprimir a carência de informações científicas e ampliar o número de indivíduos interessados torna-se importante, pois estes alunos além de serem potenciais doadores de órgãos, serão também os responsáveis por este mesmo papel perante os seus pacientes.

Medical students at UFJF and organ donation

ABSTRACT

Organ transplant is a controversial issue that arouses interest and debate. Besides being responsible for the population's health care and education, medical students must acknowledge the need and importance of organ and tissue donation. We undertook a cross-sectional study of 364 students from the Federal University of Juiz de Fora Medical School. 57.1% reported insufficient knowledge about the issue. 94.2% had already received some information about transplants, mainly through the lay media. 85.4% were organ and tissue donors, and 58.5% of these had already notified another person of their decision. There was a statistically significant correlation between the female sex and donor status. The main reasons underlying the decision not to be a donor were: lack of will, fear, and concern about organ commercialization. The students acknowledged the importance of the issue and showed interest and a positive attitude. We identified the need of changes to the medical curriculum, contemplating a direct and structured approach to the issue.

Keywords: Students medical. Organ transplantation. Health knowledge. Attitude. Ethics.

REFERÊNCIAS

- ABBUD-FILHO, M. et al. Do you need living unrelated organ donation in Brazil? **Transplant Proceedings**, São José do Rio Preto, v. 36, n. 4, p. 805-807, 2004.
- ABBUD-FILHO, M. et al. Survey of concepts and attitudes among healthcare professionals towards organ donation and transplantation. **Transplant Proceedings**, São Jose do Rio Preto, v. 29, n. 8, p. 3242-3243, 1997.
- AFONSO, R. C.; BUTTROS, D. A.; SAKABE, D. Future doctors and brain death: what is the prognosis? **Transplant Proceedings**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 816-817, 2004.
- AMARAL, A. S. et al. Knowledge of organ donation among one group of Brazilian professors of medicine. **Transplant Proceedings**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 449-450, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. **Perfil de doadores de órgãos no Brasil**. São Paulo, 2009. Disponível em: <www.abto.org.br>. Acesso em: 8 maio 2010.
- BRASIL. Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 fev. 1997. p. 2191-3.
- BRASIL. Decreto n. 2.268. Regulamenta a Lei n.º 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1.º jul. 1997. p. 13739-42.
- BRASIL. Lei n.º 10.211, de 23 de março de 2001. Altera dispositivos da Lei n.º 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que “dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 mar. 2001, Seção 1, p. 227.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Normas de pesquisa envolvendo seres humanos. Res. CNS 196/96. Bioética. Brasília, DF, v. 4, no. 2, p. 15-25, 1996.
- BURRA, P. et al. Changing attitude to organ donation and transplantation in university students during the years of medical school in Italy. **Transplant Proceedings**, Padua, v. 37, no. 2, p. 547-550, 2005.
- BURROUGHS, T. W.; HONG, B. A.; KAPPEL, D. F. The stability of family decision to consent or refuse organ donation: would you do it again? **Psychosomatic Medicine**, St. Louis, v. 60, no. 2, p. 156-162, 1998.
- CHUNG, C. K. Y. et al. Attitudes, knowledge, and actions with regard to organ donation among Hong Kong medical students. **Hong Kong Medical Journal**, Hong Kong, v. 14, no. 4, p. 278-285, 2008.
- COELHO, J. C. et al. Organ donation: opinion and knowledge of intensive care unit physicians in the city of Curitiba. **Revista da Associação Médica Brasileira**, Curitiba, v. 40, n. 1, p. 36-38, 1994.
- DUARTE, O. S. et al. Brazilian attitudes towards organ donation and transplantation. **Transplant Proceedings**, São José do Rio Preto, v. 34, n. 2, p. 458-459, 2002.
- DUTRA, M. M. et al. Knowledge about organ transplantation and attitudes towards organ donation: a survey among medical

- students in northwest Brazil. **Transplant Proceedings**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 818-820, 2004.
- GALVÃO, F. H. F. et al. Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre a doação e transplante de órgãos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 53, n. 5, p. 401-406, 2007.
- HAUSTEIN, S. V.; SELLERS, M. T. Factors associated with (un) willingness to be an organ donor: importance of public exposure and knowledge. **Clinical Transplantation**, Madison, v. 18, no. 2, p. 193-200, 2004.
- JONG, W.; FRANZ, H.G.; WOLFE, S.M. Requesting organ donation: an interview study of donor and nondonor families. *American Journal of Critical Care*. Boston, v. 7, no. 1, p. 13-23, 1998.
- KEIDING, S.; JENSEN, S. L.; VILSTRUP, H. Attitude of the population to organ transplantation. **Ugeskrift for Laeger**, Danish, v. 156, no. 19, p. 2859-2872, 1994.
- LI, P. K.; LIN, C. K.; LAM, P. K. Attitude about organ and tissue donation among the general public and blood donors in Hong Kong. **Progress in Transplantation**, Hong Kong, v. 11, no. 2, p. 98-103, 2001.
- LWANGA, S. A.; LEMESHOW, S. **Sample size determination in health studies: a practical manual**. Geneva: World Health Organization, 1991
- MARTINEZ, J. M.; MARTIN, A.; LOPEZ, J. S. Spanish public opinion concernig organ donation and transplantation. **Medicina Clínica**, Madrid, v. 105, n. 11, p. 401-406, 1995.
- MATESANZ, R. Factors influencing the adaptation of Spanish model. **Transplant International**, Madrid, v. 16, n. 10, p. 736-741, 2003.
- MEIER, D. et al. Effects of educational segment concerning organ donation and transplantation. **Transplant Proceedings**, Hamburg, v. 32, no 1, p. 62-63, 2000.
- MORAES, M. W.; GALLANI, M. C. B. J.; MENECHING, P. Crenças que influenciam adolescentes na doação de órgãos. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 484-492, 2006.
- PEARSON, I. Y.; BAZELEY, P.; SPENCER-PLANE, T. A survey of families of brain dead patients: their experiences, attitudes to organ donation and transplantation. **Anaesthesia and Intensive Care**, New South Wales, v. 23, no. 1, p. 88-95, 1995.
- RUMSEY, S.; HURFORD, D. P.; COLE, A. K. Influence of knowledge and religiousness on attitudes toward organ donation. **Transplant Proceedings**, Pittsburg, v. 35, no. 8, p. 2845-2850, 2003.
- SALEEM, T. et al. Knowledge, attitudes and practices survey on organ donation among a selected adult population of Pakistan. **BMC Medical Ethics**, Karachi, v. 10, no. 5, p. 1-12, 2009.
- SHEEHY, E. et al. Estimating the Number of Potential Organ Donors in the United States. **The New England Journal of Medicine**, McLean, v. 349, no. 7, p. 667-674, 2003.
- SMIRNOFF, L. A.; GORDON, N.; HEWLETT, J. Factors Influencing families consent for donation of solid organs for transplantation. **The Journal of the American Medical Association**, Cleveland, v. 286, no. 1, p. 71-77, 2001.
- TRAIBER, C.; LOPES, M. H. I. Educação para doação de órgãos. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 178-182, 2006.
- WILLIAMS, M. A. et al. The physician's role in discussing organ donation with families. **Critical Care Medicine**, Baltimore, v. 31, no. 5, p. 1568-1573, 2003.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Human organ transplantation**. Geneva, 1991.

Enviado em 19/10/11

Aprovado em 9/2/12